

Novas reflexões sobre o velho tema dos impactos sócio-culturais do turismo à luz de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG)

Nelson Antonio Quadros Vieira Filho (UNA) nelson.quadros@una.br

Resumo

O artigo aborda o tema dos impactos sócio-culturais do turismo em comunidades receptoras, a partir de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG). A pesquisa envolveu uma revisão crítica da literatura sobre o tema e trabalho de campo baseado no método da observação participante. Caracterizou-se a localidade, sua comunidade e a trajetória do turismo no lugar, bem como as motivações das pessoas locais para receber turistas, suas percepções dos principais impactos da atividade e formas de lidar com o turismo. Conclui-se, demonstrando como essas motivações, percepções e atitudes da população local associadas ao turismo se relacionam com outros aspectos da sua vida social e com o processo de construção da identidade local. Indica-se a contribuição da pesquisa para a literatura em questão e sugere-se algumas recomendações de caráter prático para a melhora da qualidade e sustentabilidade do turismo no destino.

Palavras-chave: Turismo, Impactos sócio-culturais, Identidade

1- Introdução

O objetivo do artigo é discutir os impactos sócio-culturais do turismo nas comunidades das regiões de destino, privilegiando a perspectiva e percepção das pessoas locais e relacionando essas percepções com o processo de construção da identidade social, a partir de um estudo de caso em Lavras Novas, sub-distrito da importante cidade histórica e turística de Ouro Preto, estado de Minas Gerais. Para tanto, apresenta-se, na segunda seção, uma revisão crítica da literatura sobre o tema, seguida de uma terceira seção, onde se caracteriza a localidade, sua comunidade e a trajetória do turismo no lugar. A quarta seção apresenta a discussão dos resultados da pesquisa, onde se reflete sobre as motivações das pessoas locais para receber este turismo, sua percepção dos principais impactos da atividade e formas de lidar com este turismo, tal como se apresenta na localidade. Na quinta seção, conclui-se, demonstrando a contribuição da pesquisa para a literatura em questão, e sugere-se algumas recomendações de caráter prático para melhorar a qualidade e sustentabilidade do turismo no destino.

Antropólogos normalmente trabalham certos dados de suas pesquisas de campo, durante anos, muitas vezes revisitando-os à luz de novas questões e discussões teóricas. Em alguns casos, como o que se apresenta, é também possível atualizar dados e acompanhar a evolução de determinado fenômeno, como o da forma que determinada população percebe e lida com o turismo, ao longo de anos, o que possibilita captar melhor a dinâmica desse fenômeno e filtrar

o que é recorrente ou estrutural. Dessa forma, este artigo apresenta resultados fruto de diferentes períodos de pesquisas e observações na comunidade de Lavras Novas, efetuados pelo autor, nos últimos 10 anos. Parte dos dados apresentados são baseados na pesquisa de campo realizada entre julho de 1994 a julho de 1995. Este trabalho teve a observação participante junto a pessoas naturais de Lavras Novas e turistas interagindo na comunidade como principal método de pesquisa. A estratégia de observação implicou em minha participação em vários tipos de atividades junto a esses grupos, seja em trabalhos manuais ligados à construção civil, em encontros e celebrações ligadas às instituições locais, e durante o desfrute do lazer em casas, bares, ruas, campos e cachoeiras de Lavras Novas. Neste período foram também aplicadas entrevistas semi-estruturadas, junto a turistas e “nativos”, selecionados como informantes-chaves com base na sua disponibilidade para as entrevistas e de forma a garantir diversidade de representação em termos de gênero, idade e outras variáveis. Essas entrevistas buscaram obter informações mais sistemáticas sobre a diversidade de suas percepções relativas ao turismo, em termos de suas definições, motivações, relacionamentos e impactos. Outros atores-chaves que tiveram contatos com a comunidade e dispunham de informações relevantes, incluindo ex-párocos locais, foram também entrevistados informalmente a cerca de suas conexões e percepções relativas à comunidade e ao turismo em Lavras Novas, ao longo do tempo. Dados complementares sobre Lavras Novas e o turismo lá foram obtidos através de levantamento de história oral com informantes-chaves da localidade e pesquisa documental. Questionários estruturados foram também aplicados buscando, complementarmente, para referência, um tratamento estatístico descritivo do perfil sócio-econômico da população local e turistas. Através de questionários aplicados em maio de 1995, foi possível obter esse tipo de informação dos ocupantes de 153 (87%) casas residenciais e dos ocupantes de 22 (73%) casas de segunda residência. O questionário aplicado aos turistas não-residenciais em cada uma das pousadas e casas oferecendo acomodação em Lavras Novas, abrangeu uma amostra de 20,4% do universo de turistas hospedados na localidade, no primeiro sábado de julho de 1995. Alguns dados relativos ao número e perfil dos estabelecimentos locais puderam ser atualizados em pesquisa de campo, em janeiro de 2001. O artigo contém ainda observações mais atuais, frutos de visitas mais recentes efetuadas pelo autor na área, entre fevereiro de 2004 e fevereiro de 2005.

No plano conceitual, é importante explicitar desde já que a despeito dos diferentes significados contextuais que poderiam ser atribuídos aos termos “turista” e “nativo” em Lavras Novas (Vieira Filho, 1999), eu os utilizarei aqui em referência às diferenças irreduzíveis que estes implicam e com o mesmo senso genérico com que são utilizados em

Lavras Novas, isto é, como termos que carregam valores contrastantes usados para diferenciar amplamente os tipos de pessoas interagindo lá – turistas, como pessoas não nascidas em Lavras Novas em viagem no local e o “nativo”, nascido no lugar, ou “do lugar”, como seu oposto no par terminológico.

2 – Os impactos sócio-culturais do turismo: algumas questões teóricas

Em geral, a literatura examinada menciona vários tipos de impactos do turismo, mas as motivações das populações das regiões dos destinos turísticos para receber e lidar com o turismo tem sido normalmente negligenciadas, reduzidas ou enfatizadas somente em relação a sua dimensão econômica, em termos de geração de emprego e renda.

Vários estudos a cerca dos impactos do turismo indicam que a atividade pode trazer benefícios para as regiões de destino, ao mesmo tempo em que seu crescimento desordenado normalmente provoca sérios danos ambientais. O fenômeno do turismo pode impactar as sociedades locais de diferentes formas e trazer como consequência tanto a degradação como a conservação e revitalização do ambiente e patrimônio das regiões de destino. Os impactos do turismo nas regiões de destino podem ser considerados “positivos” ou “negativos”, dependendo do ponto de vista em questão, e ocorrerem simultaneamente ou em seqüência. Os impactos e sua magnitude dependem de uma série de fatores ligados às particularidades da população e do meio-ambiente do destino turístico, do perfil, características e comportamentos dos fluxos turísticos que se estabelecem e das formas de intervenção do Estado, da indústria turística e outros agentes nesse processo (Smith, 1989; Harrison, 1992, Haralambopoulos and Pizam, 1996). Muitas vezes é difícil separar os impactos ocasionados pelo turismo das influências devidas a outros fatores e processos de mudanças que podem estar ocorrendo simultaneamente, como a instalação de algum empreendimento. Por todos esses motivos existem dificuldades em se medir e em prever os impactos do turismo.

Diferentemente de boa parte da literatura na área de meio-ambiente, que tende a compartimentar essa noção ampla em três ambientes - o físico, o biótico, o sócio-econômico e cultural, é comum na literatura, classificar-se os impactos do turismo em termos ‘econômicos’, ‘sócio-culturais’ e ‘ambientais’ (eg. Swarbrook, 2000). Em muitos casos, essa opção taxonômica acaba por obscurecer, no campo analítico, as inter-relações desses elementos e também da própria noção de economia e ambiente, enquanto produto da cultura. As análises tendem, ainda, a separar, de forma cartesiana, o que seria o externo e o interno, o turismo e o meio-ambiente local, novamente obscurecendo como essas dimensões, estudadas enquanto fenômeno sócio-cultural, se misturam, se tornam híbridas, se incorporam no meio-

ambiente local e na percepção e cultura de quem o vivencia.

Compartimentando o objeto de análise dessa forma, a literatura normalmente enfatiza, em termos econômicos, a geração de emprego e renda e o desenvolvimento da infra-estrutura, como benefícios potenciais do turismo, ao mesmo tempo em que alerta para os custos de importação de produtos especiais para o consumo de turistas e para o risco do aumento da dependência da economia local em relação ao turismo. A geração de mais renda e emprego na região receptora, bem como a maior demanda por recursos e produtos locais usualmente traz como consequência negativa o estímulo a tendências inflacionárias a nível local, particularmente, em relação a terra e habitação.

Em termos ‘ambientais’, os prejuízos potenciais do turismo desordenado mais enfatizados são a degradação ecológica ou destruição do patrimônio “natural” pela construção de alojamentos e outras infra-estruturas, deficiências de saneamento básico e poluição das águas e solos por dejetos e esgotos, erosões causadas por desmatamentos e abertura e usos indevidos de trilhas. O aumento do tráfego de carros e outras atividades turísticas costumam aumentar a poluição do ar e sonora, enquanto que novas construções e sinalizações muitas vezes comprometem a paisagem e a estética do conjunto do patrimônio arquitetônico, ocasionando poluição visual. De outro lado, dada a importância e atratividade de um meio-ambiente saudável para a prática turística, o turismo pode levar ao aumento da consciência sobre o meio-ambiente (tanto por parte de turistas quanto da população local) e à melhoria da sua qualidade, `a valorização e conservação de áreas naturais importantes e `a criação de áreas protegidas.

A maior parte das pesquisas sobre os impactos sócio-culturais do turismo focalizou as pequenas comunidades receptoras e evidencia que os benefícios e problemas gerais que o turismo acarreta tendem a ser distribuídos de forma desigual dentro ou fora da sociedade em questão (Cohen, 1984; Knight, 1996; Boissevain, 1996). A maioria desses estudiosos tenderam a mostrar ou concordar com o que seriam os efeitos mais típicos do turismo nas comunidades receptoras.

Muitos desses estudos mostraram que novas oportunidades de emprego geradas pelo turismo costumam diminuir a emigração, mas também atraem novos residentes, afetando o tamanho da população, sua composição por sexo e idade e a distribuição ocupacional por setores de atividade econômica. O aumento da população residente e sazonal é normalmente associado a um crescimento na urbanização, podendo levar também a aumento de pressão sobre as infra-estruturas existentes, congestionamentos e à consequente perda das comodidades dos habitantes.

Como o turismo acontece mais em fins de semana, feriados e período de férias, costumam ocorrer alterações no ritmo de vida social nas sociedades receptoras. O contato com turistas tende a estimular uma maior comercialização da vida social e das manifestações culturais locais – que passam em boa medida a ser produzidas para esse mercado -, cópia dos padrões de consumo e comportamentos de turistas, crescente individualismo e emergência de novos valores (políticos, sociais, religiosos, morais), alterações de normas e costumes e formas como a identidade é vivenciada nesses locais.

O contato com outros modelos de relações sociais, sobretudo de gênero e de gerações, e o aumento das oportunidades de trabalho e renda para mulheres e jovens tendem a mudar o status e autonomia desses setores da população local. Esse tipo de mudança, a crescente perda de controle sobre os recursos locais e de autonomia ao nível da comunidade local para pessoas “de fora” e uma provável tendência à incorporação desses agentes e diversificação das estruturas de poder local e interesses políticos, normalmente resultam em crescentes conflitos na comunidade, em torno de novas questões.

Todas essas mudanças aqui relatadas, juntamente com o aumento da circulação de renda nesses destinos, podem levar ainda a um aumento no uso de drogas, crimes, permissividade, prostituição, stress e conflitos em geral.

Podem também ocorrer controvérsias entre diferentes segmentos de turistas e das populações locais quanto à definição do que é tradição e quem deveria defini-la e controlá-la, o que deveria ser preservado ou não como patrimônio e como este deveria ser utilizado. Como os usos e demandas em relação aos recursos podem ser múltiplos e conflitantes, o turismo pode levar assim a uma competição pelo espaço-patrimônio entre grupos de turistas e setores da população residente (Vieira Filho, 1999; 2002).

Boa parte da literatura estudada parece abordar a cultura como uma entidade mecânica e discreta, afetada por forças externas. Muitos desses estudos compartilham uma atitude preconceituosa em relação a turistas e assumem que as mudanças trazidas pelo turismo, sobretudo quando não planejado, são geralmente desestruturadoras da cultura e identidade local.

De outro lado, o turismo pode trazer impactos sócio-culturais benéficos, como o aumento das oportunidades econômico-sociais e de ócio. A renda e a pressão política que o turismo gera, especialmente o de segunda residência, podem implicar em melhora das condições de infra-estrutura, serviços e qualidade de vida também para os residentes. Esses fatores, aliados à valorização do lugar e sua cultura pelos turistas podem levar à conservação e revitalização do patrimônio cultural e local - ainda que em boa parte para atender a demanda

de consumo dos turistas -, ao aumento do status social e auto-estima da população local e `a reafirmação da sua identidade cultural.

A maioria dos estudiosos tenderam a negligenciar que os “anfitriões” ou “nativos” são agentes criativos nas suas múltiplas respostas a diferentes fontes de mudanças e que várias respostas locais ao turismo, incluindo casos de descaracterização, resistência ou revitalização de seu tecido social e costumes, podem coexistir e mudar com o tempo (Dogan, 1989).

Ao se abordar os impactos do turismo, a literatura tendeu a adotar uma posição mais “externa”, deixando de lado a questão de como as pessoas vivenciaram o turismo e suas próprias vozes sobre esses processos - o que seria importante para o entendimento deles. A grande maioria desses estudos, basearam-se em surveys e/ou entrevistas, onde o foco tende a ser o discurso descolado da ação social que o contextualiza e possibilita uma interpretação cultural de seu significado no mínimo mais “densa” (Geertz, 1971) e complexa. Ainda que limitados por esta perspectiva mais “externa”, vários desses estudos contribuíram para o entendimento do tema, procurando identificar os impactos “positivos” e “negativos” percebidos pelos residentes locais e as variáveis que são importantes na diferenciação das atitudes dos residentes em relação ao turismo, muitas vezes, através de um tratamento estatístico. Tais estudos geralmente indicaram que as populações locais tenderam a ver mais vantagens do que desvantagens no turismo - embora isto varie com as circunstâncias e estágio da atividade em cada local - e que aqueles com maiores reservas a respeito do turismo tenderam a ser os mais velhos, os que tem pouco ou nenhum ganho advindo do turismo, e vivendo perto das áreas mais suscetíveis a distúrbios (Haralambopoulos and Pizam, 1996; Wall, 1996).

Há poucos estudos substantivos publicados, como os de Gewertz e Errington (1991) e o de Waldren (1996), que sejam lastreados numa abordagem mais etnográfica e fenomenológica das experiências e percepções dos residentes locais sobre as suas relações como os turistas e os impactos do turismo nas comunidades receptoras, e que complemente ou conteste essa abordagem mais “externa”. Embora os esforços de Gewertz e Errington (1991) e de Waldren (1996) sejam interessantes, um melhor entendimento de como as categorias acima estão relacionadas e operam na prática poderia ser melhor alcançado se mais etnografia relevante sobre esses temas, sobre a população local e a complexa questão da identidade fosse apresentada em tais estudos e em outros por vir. O caso do turismo em Lavras Novas, descrito sumariamente neste artigo, em seqüência a um trabalho anterior de tese de doutorado sobre o tema (Vieira Filho, 1999), contribui para suprir esta lacuna.

3- Breve caracterização da área de Lavras Novas

A região de Lavras Novas, sub-distrito de Ouro Preto, dista cerca de 17 km da sede deste município. O principal acesso, partindo de Ouro Preto, envolve um trecho de cerca de 9Km da chamada Estrada Real, no sentido Ouro Preto-Ouro Branco, asfaltado em 1999/2000, e um trecho de estrada secundária não pavimentada, de aproximadamente 8Km. A comunidade de Lavras Novas situa-se no topo da Serra de Lavras Novas e é cercada por uma atrativa paisagem de matas, cerrado e alguns campos abertos, entrecortados por alguns ribeirões e cachoeiras.

Os dados dos Censos demográficos do FIBGE de 1991 e 2000 indicam que a população cresceu substantivamente na última década, passando de 681 habitantes em 1991, para 771 em 2000, sendo que destes, 372 eram homens e 399 mulheres. Estima-se que a comunidade tenha atualmente cerca de 800 habitantes e 250 estabelecimentos residenciais e comerciais, no total.

As pessoas de Lavras Novas, em sua maioria, eram percebidas ou descritas por pessoas ‘de fora’ como sendo “negras”. De outro lado, os lavras-novenses, que, em geral, normalmente internalizaram certo preconceito a seus sinais de negritude, reconheciam-se como descendentes e produtos da fusão de negros, brancos e índios, preferindo descrever-se em relação a sua cor como “morenos”. Diziam também serem todos, de alguma forma, “parentes”, mais ou menos próximos. No plano religioso a grande maioria da população local é católica praticante.

As origens da comunidade de Lavras Novas estão associadas à descoberta de ouro e início de sua exploração na área por portugueses e seus escravos, nos primeiros anos do século XVIII. Esta atividade na área de Lavras Novas perdurou por boa parte daquele século, em paralelo a alguma agro-pecuária de subsistência, criação de porcos e galinhas e extração de madeira e outras matérias-primas na região.

Com a decadência da atividade de mineração aurífera na segunda metade do século XVIII, essas atividades agropecuárias e extrativistas, juntamente com outras atividades econômicas, como a confecção e venda de artefatos de bambu, começaram a adquirir mais importância para a população local. À esta época, ao que tudo indica, parte expressiva desta população local era composta por escravos abandonados pelos antigos senhores que não tinham mais condições econômicas para mantê-los (Vieira Filho, 1999).

Em algum momento não especificado deste período, as terras de Lavras Novas, passaram então a serem denominadas por seus habitantes por “Terra da Santa” ou “Patrimônio da Santa”, em referência a sua santa padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres. “Terras de santo”, como se sabe, eram normalmente originárias de terras devolutas que pertenciam ao

Estado, foram abandonadas ou doadas pelos antigos exploradores, proprietários ou ocupantes, às famílias de ex-escravos, trabalhadores e outros moradores locais, para o uso destes, em nome de um santo católico de devoção, através de meios formais ou não.

As terras foram então apropriadas de forma coletiva pela comunidade lavras-novense, em nome da santa, sendo feitas algumas divisões de áreas para moradia e uso-fruto das diferentes famílias locais, ainda que permanecendo, do ponto de vista legal, como terra devoluta. As terras desde então, passaram a ser zeladas e geridas, na prática, pela população local, através da Mesa Diretora da sua Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres, formada por homens “leigos” locais, ainda em meados do século XVIII. As irmandades nesse período tinham autonomia para a gestão do seu patrimônio, ficando a influência da Igreja mais restrita à dimensão religiosa e espiritual dessas instituições, como demonstra toda a evidência e historiografia relativa à época (Vieira Filho, 1999).

Já no século XIX, especialmente após a abolição da escravatura em 1888, muitos habitantes locais encontraram emprego em fazendas adjacentes e outros lugares. Muitos foram empregados como trabalhadores braçais na indústria eletro-química, de mineração e alumínio, desenvolvidas na primeira metade do século XX em Ouro Preto e no setor de serviços desta cidade.

Por volta dos anos 50, ocorreu um conflito com a Companhia Eletroquímica Brasileira, que pleiteava uma área de terra da comunidade, para seus fins econômicos. Como resolução deste conflito, intermediado pela Igreja, parte da terra da comunidade foi cedida à empresa, em troca de um registro oficial, apoiado por esta, de uma área de 268 hectares, em nome do “Patrimônio de Nossa Senhora dos Prazeres”. A partir de então a Igreja passou a atuar buscando maior controle, tanto da irmandade local, quanto do patrimônio de Nossa Senhora dos Prazeres em Lavras Novas.

Desde pelo menos meados da década de 70, a localização e belezas naturais de Lavras Novas, o conjunto do antigo arraial minerador, com sua imponente igreja do século XVIII rodeada pelas casinhas de seus moradores, seu apelo histórico e cultural, a tranquilidade da vila e simplicidade de sua gente, seu artesanato de bambu e madeira, bem como seus eventos festivos como a Festa da Padroeira e do Divino e outras manifestações culturais começaram a atrair um crescente fluxo turístico de Belo Horizonte, Ouro Preto e outras cidades de Minas, dentre outros lugares, transformando Lavras Novas no principal centro de atração turística nos arredores de Ouro Preto. Lavras Novas atrai hoje pessoas de diferentes classes e idades, em busca de turismo ecológico, histórico-cultural e de esportes (rapel, *treking*, *motocross*), dentre outras modalidades.

A trajetória do turismo de Lavras Novas tem certas similaridades com várias outras comunidades no Brasil e no mundo, onde o crescimento desta atividade também se deu de forma um tanto caótica, sem o devido planejamento prévio, iniciando-se com a chegada de “hippies” e “muchileiros”, em busca do contato com o diferente e exótico, com a natureza e cultura local, seguido de um crescente processo de massificação do turismo.

A irmandade local, em parte influenciada pela Igreja e em acordo com ela, e motivada inicialmente pela necessidade de pagamento de uma reforma do cemitério e outras despesas religiosas, bem como dos impostos relativos à parte legalizada da terra da santa, tinha já, na década de 70, começado a vender parte das terras locais a turistas e outros interessados, dando início a partir daí a um processo de apropriação individual de parte desse patrimônio, principalmente em sua porção urbana. Os dados levantados em 1995 indicavam que, à época, 16% (30) das casas existentes (188) já pertenciam aos “turistas de segunda residência”, que por sua vez eram na sua maioria de Belo Horizonte, casados e com até 34 anos de idade (Vieira Filho, 1999). Do total de 22 negócios relacionados ao turismo que existiam no local, apenas 2 (uma mercearia e um bar/restaurante) pertenciam a “nativos” do lugar (Vieira Filho, 1999). Todavia, nos últimos 10 anos, ocorreu um aumento do número de “imigrantes” para a localidade, sendo alguns deles pequenos empresários, que passaram a atuar no setor de turismo e comércio.

As pessoas integrantes do fluxo turístico que se dirige a Lavras Novas são ainda hoje em boa parte jovens e adultos de até 35 anos, oriundos de Belo Horizonte e secundariamente de Ouro Preto e outras cidades de Minas e do Brasil e, na sua maioria, geralmente percebidas pelas pessoas locais como sendo “brancas” e de um nível sócio-econômico e de escolaridade mais elevado, em relação à maioria dos “nativos”.ⁱ Observações e informações de campo, obtidas de pessoas da comunidade, indicam que embora o turismo tenha se tornado uma importante fonte alternativa de renda para muitas famílias da comunidade, a maior parte da população local tem ainda renda individual de até dois salários mínimos.

O crescimento expressivo do número de pousadas, bares, restaurantes e lanchonetes em Lavras Novas nos últimos anos é indicativo do ritmo de crescimento do turismo na localidade. Vários desses estabelecimentos, sobretudo restaurantes e pousadas mais sofisticadas foram abertos por pessoas de fora. Com base em informações coletadas em 1995 e nas informações de pesquisa de campo obtidas em 24-01-01, calcula-se o crescimento do número de pousadas em 733,33 % e em 47,05% o crescimento do número de bares, restaurantes e lanchonetes, no período. Enquanto as 3 pousadas existentes em 1995 ofertavam cerca de 52 leitos, as 22 pousadas em 2001 ofertavam cerca de 346 leitos, um crescimento de 665,38% no período. A

estimativa em 1995 era de que Lavras Novas poderia acomodar 246 turistas por noite nas 3 pousadas e 52 casas que dispunham de quartos para acomodação dessa natureza, mas esse número poderia ser ultrapassado em algumas ocasiões, quando mais pessoas costumavam compartilhar acomodação nas casas de aluguel ou optavam por ficar acampadas em barracas na vila ou no seu entorno.

Pelas informações obtidas em Lavras Novas em 2001 de empresários locais, estima-se que cerca de 1000 turistas pernoitassem então na comunidade em fins de semana movimentados e que um número ainda maior de turistas, visitassem a localidade em feriados prolongados e festas. Estima-se que este número pode ultrapassar 5 mil turistas nessas ocasiões, atualmente.

Cabe citar que, nos últimos anos, a infra-estrutura da área vem sendo melhorada em certos aspectos, pelo Estado, em seus esforços desenvolvimentistas e que em parte se deram a reboque da pressão ocasionada pelo crescimento do turismo na localidade. Em 1995, a maioria das casas já dispunha de instalações sanitárias, água e luz. Já havia também um posto de telefone público, uma escola municipal, um funcionário do correio e um posto de saúde que recebia a visita semanal de um médico. As linhas telefônicas particulares para os domicílios da comunidade começaram a funcionar em 2001, tendo sido também instalado um posto policial na entrada da vila. A maior parte das ruas do arraial já foram calçadas. Há rede de esgoto desde 1995, porém sem usina de tratamento instalada. O sistema de tratamento e abastecimento de água e de coleta de lixo é ainda precário, merecendo ainda serem aprimorados em seu tratamento e destino final.

4 - Principais resultados da pesquisa

A população de Lavras Novas, até o advento do turismo, ocupava os estratos mais baixos da sociedade em termos econômicos e sociais e teve a construção da sua identidade marcada por sentimentos de discriminação racial e social, advindos de sua relação com segmentos da população de Ouro Preto. Até então, os ouro-pretanos tendiam a ver Lavras Novas como um lugar de “negros”, de pessoas simples vivendo mais `a margem da sociedade e por vezes até violenta e “não-civilizada”, como na defesa de seus interesses quando do conflito de terra com a Cia. Eletroquímica Brasileira nos anos 50, ou em casos conhecidos de lavras-novenses que reagiam, por exemplo, quando ouro-pretanos os chamavam brincando, em tom jocoso, de os “do balaio”, em referência pejorativa ao seu status social e a uma das suas principais atividades econômicas: a fabricação de balaio de taquara e sua comercialização em Ouro Preto. A forma como a comunidade vai receber o turismo e lidar

com ele tem que ser compreendida a partir desse contexto mais amplo. Cabe aqui discutir apenas as mais relevantes motivações, percepções e atitudes das pessoas locais relativas a esses pontos, que emergiram a partir da pesquisa realizada.

Na memória e percepção das pessoas de Lavras Novas, desde os primeiros tempos do turismo na localidade, a geração de emprego e renda aparece como uma importante motivação de muitos “nativos” para receber e lidar com turistas, aliado a outros fatores raramente mencionados na literatura, como novas amizades, os presentes, formas de ajuda na aquisição de bens da cidade e outros gestos amigáveis de muitos turistas para com eles, além das novas oportunidades de entretenimento que sua presença implica, sobretudo para os mais jovens, que agora, no dizer de um deles, “tem mais o que ver e o que fazer `a noite”. O depoimento de uma senhora de Lavras Novas, de 60 anos, também ilustra como o “nativo” pode se comportar como “turista” na localidade:

Turistas trazem ajuda e nós sentimos falta deles pelo papo e divertimento. Eles alegram nossos corações e ruas. Quando há um feriado, todos ficam esperando os turistas chegarem. Eu fico vendo os carros vindo. É lindo! Eu gosto de vê-los e o que fazem. Quando os turistas não vem, muitos reclamam!

Em geral, o turismo é visto pelas pessoas de Lavras Novas como fonte de “desenvolvimento”, não apenas em termos de renda, emprego, urbanização, mas também concebido em termos de maior estruturação de bens e atividades religiosas, especialmente a festa da padroeira, principal momento de celebração da identidade local, que vem se tornando mais rica e elaborada, com recursos advindos do turismo. A renda proporcionada pelo turismo possibilita a eles também o consumo de bens antes inacessíveis (eletrodomésticos, roupas, etc) que simbolizam a “modernidade” do qual haviam sido historicamente excluídos. Todos esses elementos, associados `a valorização do lugar e da comunidade pelos turistas e os “de fora”, trazem a eles um senso de superação de sua condição social anterior, de elevação de status social, de auto-estima e valorização da sua identidade social, traduzida também na sua relação com os ouro-pretanos, como ilustra o depoimento de uma outra senhora de Lavras Novas, dona de um restaurante no arraial:

As pessoas de Ouro Preto no passado costumavam falar mal daqui: ‘Terra do bambu’, ‘terra do balaio’. Eles diziam que só tinha pessoas feias aqui. Agora que eles vêem os de Belo Horizonte gostando daqui, com inveja, e aí eles também passam a gostar daqui e fazem amizade com a gente.

De outro lado, as pessoas do lugar percebiam com preocupação certos problemas que vinham como o outro lado do “desenvolvimento” proporcionado pelo turismo.

As maiores reclamações e conflitos entre “nativos” e “turistas” advinham dos

comportamentos dos turistas relacionados a drogas, sexualidade, bagunça e barulho. Os habitantes locais mais velhos, os que tinham crianças e filhos jovens, assim como os visitantes mais velhos, os que vivenciaram o lugar no passado e turistas de segunda residência, que buscavam um espaço alternativo de paz e tranquilidade, eram os que mais reclamavam dos comportamentos tidos como ‘excessivos’ dos turistas e dos problemas afeitos à moralidade.

Os habitantes locais reclamavam que Lavras Novas estava se tornando conhecida como “lugar de maconheiro”, afetando a imagem e status do lugar, que alguns jovens locais passaram a usar drogas por influência de turistas e que esse vício, juntamente com o alcoolismo, era o maior responsável pela preguiça e desemprego de alguns. Outros comportamentos de turistas tinham também um efeito-demonstração para as pessoas do lugar e certas conseqüências sociais.

Os novos costumes de jovens moças locais de adotar novos estilos de moda urbanos e de passar a freqüentar “a noite”, tal como fazem as turistas da cidade, eram fontes geradores de conflitos entre essas jovens e seus familiares.

Novos padrões no campo da sexualidade e estética corporal, afetavam também as relações de gênero em Lavras Novas, com moças e rapazes passando a desejar e valorizar mais a estética e comportamento dos ‘de fora’, ainda que com poucas chances de envolvimento amoroso com eles. Esse fato gerava certos ciúmes mútuos e atritos. Os mais velhos, de outro lado, temiam também que os mais novos mudassem de valores, como em relação a sexo antes do casamento, por exemplo. Ficavam assustados com os hábitos dos ‘de fora’ em relação à freqüente troca de parceiros e à adoção de trajes e comportamentos considerados indecentes. Em seu comportamento de lazer mais ‘permissivo’, muitos de fora envolviam-se em suas práticas sexuais quase que publicamente, com janelas abertas, e em alto e bom som, pouco se importando em fazer disso um ato mais íntimo, tal como deveria ser, na percepção das pessoas do lugar. Esse tipo de comportamento gerava constrangimentos entre locais e podia implicar em aumento do desejo de alguns deles em relação à mulheres de fora, vistas como mais “liberadas”, o que por seu turno, colocava mais pressão sobre as mulheres locais.

Bagunça e barulho excessivo eram problemas freqüentes tanto em fins de semana comuns, quanto em feriados e eventos especiais. As pessoas do lugar ficavam especialmente revoltadas com gestos que implicassem desrespeito à religião e moral local, tal como cenas de turistas bebendo e com atitudes desrespeitosas durante a passagem de procissões, ou de turistas bêbados urinando em público nas ruas. Esses fatos, não raro, implicavam em conflitos abertos. Por duas vezes, a última no carnaval de 2005, turistas bêbados subiram no histórico

cruzeiro de pedra da vila, em frente à Igreja, quebrando-o, e gerando grande revolta entre moradores locais. Nas duas ocasiões o braço do cruzeiro teve que ser levado para outra cidade para reparação e restauro.

Haviam reclamações de turistas que pegavam lenha nas cercas das casas de aluguel para queimar, o que também gerava revolta entre as pessoas de Lavras Novas e conflitos. Alguns retiravam vegetais e legumes das hortas dos donos das casas alugadas sem permissão dos mesmos, acendiam fogo dentro das casas para aquecer e dar mais “astral” e acabavam por causar danos às propriedades.

Nos últimos anos, Lavras Novas assistiu também ao aumento de roubos na comunidade, tanto de turistas quanto de moradores, em função do maior número de pessoas e renda circulando na comunidade e pouco policiamento.

Turistas eram também vistos como poluidores da natureza local. Não raro, após um fim de semana ou feriado, era comum encontrar lixo e latas de cerveja nas cachoeiras, já que não havia nenhuma placa educativa, lixeiras instaladas ou qualquer outro esquema de manutenção ou fiscalização das condições de limpeza nesses locais.

Não só vários habitantes locais, mas também os turistas que buscavam mais tranquilidade, se sentiam negativamente afetados com o crescimento e rumos do turismo no lugar.

A capacidade de carga turística de certas cachoeiras e outros atrativos locais parecia também estar sendo extrapolada em certos feriados e ocasiões de visita mais intensa, quando a percepção de muitos turistas era de que estava demasiadamente cheio, a ponto de comprometer o desfrute do lugar e o seu desejo de retornar.

E quanto mais visitantes em Lavras Novas, mais os desgostos e reclamações aumentavam entre “nativos” e turistas e mais os últimos, principalmente os “turistas-residenciais” mais antigos, se refugiavam em suas segundas residências, construídas com o sonho do encontro do refúgio no paraíso. Mas até aí os barulhos freqüentemente chegavam, comprometendo a tranquilidade de antes.

O depoimento de Laura, uma pessoa ‘de fora’ de 45 anos, casada e com casa de fim de semana no arraial, ajuda a ilustrar o sentimento dessas pessoas e as dificuldades do seu ponto de vista ser aceito genericamente tanto por outros segmentos de turistas quanto por “nativos”:

Os problemas daqui começaram com o turismo. Minha revolta é com alguns desses turistas, com a falta de respeito de alguns deles. Outro dia, havia um casal transando em frente à casa do Boti. Drogas por todo o lado, crianças pegando camisinhas usadas na rua para fazer balões! No carnaval havia um cara com uma camisinha cheia de esperma amarrada na antena do seu carro,

dirigindo por aí. Não pode ser! (...) Um dia um turista pôs uma música muito alta no seu carro, em frente da minha casa, às 3 da manhã. Eu acordei e saí com uma barra de ferro, perguntando se eles não sabiam que aqui perto vivia uma mulher de 98 anos. Eu ameaçei quebrar a janela do carro deles e perguntei se eles achavam que aqui era terra de índios. Sabe o que responderam? Aqui era bom quando não tinha repressão! Agora, alguns nativos, especialmente alguns mais jovens não gostam de mim porque eu não gosto de ‘turistas’ e reclamo do barulho e bagunça deles.

Para o momento, a solução que Laura concebia era apenas ir menos a Lavras Novas, em dias mais vazios.

A construção de novas casas e segundas residências cada vez mais próximas umas às outras e sem nenhum tipo de planejamento ou controle municipal ia aos poucos também afetando a estética do lugar e de seu patrimônio arquitetônico, sendo visto como um aspecto bastante negativo por muitos turistas, embora não o fosse para muitos “nativos” que apreciavam o “desenvolvimento” do lugar. Contudo, como em muitas situações turísticas em que os espaços de uma região podem se tornar hiper-visitados, alguns “nativos”, por vezes, sentiam que aquele não era mais seu espaço. De outro lado, como ocorre em muitos outros lugares, alguns turistas estavam querendo reduzir a velocidade do tempo, frear a modernização e participar em formas de turismo sustentável que podem não ter a ver com o “tempo” que os “nativos” preferem e acham que é seu. Assim, como consequência dessas diferentes percepções, haviam controvérsias entre turistas e “nativos” quanto a se as terras da serra remanescentes e a arquitetura tradicional, dentre outras áreas específicas do ambiente local, deveriam ser preservadas ou não, o que é tradição, quem deveria defini-la e controlá-la.

No que tange às terras, a despeito da posição e dos argumentos de alguns turistas e “nativos” para mantê-las sob o controle dos últimos, sob pena destes terminarem perdendo o controle econômico e político sobre a própria comunidade e seu destino, por vezes, áreas foram vendidas basicamente para facilitar o pagamento de despesas relacionadas às atividades religiosas e impostos da terra, embora obviamente houvesse formas alternativas de lidar com a questão, caso houvesse maior interesse da coletividade. Os que questionavam esse processo tendiam a culpar não os turistas e outros compradores, mas a Igreja e a própria comunidade e seus representantes na Irmandade, pela falta de discussão e melhor controle do processo. Nos últimos anos, esse processo foi estancado em função da escalada de problemas advindos do turismo e discussões no âmbito da irmandade, que a levaram, inclusive, a elaborar e aprovar um estatuto regulamentando sua existência, e que acabou por dificultar a venda de terras coletivas, condicionando esse procedimento à aprovação da maioria.

As terras de posse e propriedade individual continuaram, todavia, sendo vendidas, em geral por opção de “nativos” interessados em adquirir bens de consumo modernos e efetuar outros investimentos, como a reforma e modernização de suas casas. Nessas reformas, vários itens tidos como “tradicionais” e que atraíam turistas, como janelas de madeiras, por exemplo, eram substituídos por formas e materiais modernos por “nativos”. Muitas casas de turistas e “nativos” acabavam por se tornar espaços de re-interpretação e recriação de formas tradicionais, incorporando novas leituras, elementos e cópias de padrões uns dos outros, o que implicava, muitas vezes, em misturas pós-modernas de formas e estilos que buscam salientar certos traços da arquitetura rústica e contemporânea na criação de ambientes funcionais e aconchegantes.

A competição de turistas no mundo dos negócios locais obviamente gerava algum tipo de ciúme entre concorrentes do lugar mas, em geral, não era objeto de preocupação para a maioria dos “nativos”. O fato de alguém de fora abrir negócios no local implicava em empregos e era até bem tolerado pela maioria, desde que seu comportamento fosse bom e não autoritário.

Cabe citar que, enquanto os turistas de segunda residência e pessoas de fora em geral não podiam atuar como irmãos na irmandade, eles passaram a atuar cada vez mais na associação comunitária existente e na associação comercial mais recentemente, buscando melhorias para a localidade. Na perspectiva dos “nativos” isso era bem vindo, apesar de algumas diferenças de opiniões e do receio de que viessem a perder o controle do destino da comunidade para os “de fora”, em certas questões. Esse receio, ao lado da visão de que os problemas ocasionados pelo turismo pudessem piorar, eram as principais preocupações que tinham em relação ao futuro, embora, em geral, fossem mais focados no tempo presente e tivessem fé na proteção da sua padroeira para lhes ajudar nos problemas pela frente.

A despeito de alguma hostilidade e crescente desejo de alguns “nativos” de controlar os problemas percebidos com mais autoridade, as pessoas de Lavras Novas estavam tendendo a conceber tais efeitos negativos como um preço que tinham que pagar para receber turistas bem e se beneficiar das vantagens do turismo já mencionadas.

Esse processo, entretanto, tinha suas contradições internas, como muitas posições diferentes na comunidade, entre pessoas que se beneficiavam mais ou menos do turismo, mais velhos ou mais jovens, homens ou mulheres (Vieira Filho, 1999). Em geral, os que mais reclamavam do turismo eram os que não tinham nenhum ganho com a atividade e os que queriam tranquilidade. De outro lado, o aumento dos problemas e conflitos relacionados ao

turismo na localidade, ao longo do tempo, levou muitos “nativos” a se acostumar com certos problemas identificados.

Algumas medidas para reduzir alguns dos problemas detectados, e que foram idealizadas sobretudo por pessoas ‘de fora’ ou ‘turistas-residenciais’ no âmbito das associações locais, mostraram-se ineficazes, paliativas ou problemáticas. Assim por exemplo, distribuição de folhetos e mensagens para turistas nos estabelecimentos de aluguel, solicitando a esses turistas o respeito aos costumes locais, `a natureza e `a “lei do silêncio”, após as 22 horas, mostrou-se simplesmente pouco efetiva. Os turistas liam mas pouco depois pareciam esquecer o conteúdo dessas mensagens. A “lei do silêncio”, encontrava também dificuldade de ser respeitada por que alguns donos de negócios locais temiam cercear demais a liberdade e o comportamento dos turistas, perdendo com isso clientes. Havia também certa tolerância para com o turista “dos” parentes e amigos, em função das amizades e relações de parentesco e porque se respeitava o direito de cada um ganhar o seu dinheiro. A construção do posto policial, de outro lado, possibilitou maior ação da polícia durante fins de semana, mas mesmo assim, essa ação costuma ser insuficiente em períodos de maior movimento. Foi também formada uma ONG local envolvendo pessoas de Lavras Novas e de fora, e que visa discutir, pressionar e propor alternativas para proteger o meio-ambiente local.

5 -Conclusões

Pode-se dizer que o turismo afetou como a identidade local estava sendo vivenciada e foi incorporado como parte desse processo. A identidade local é relacionada às formas pelas quais as pessoas se lembram do passado e imaginam o futuro.

As concepções das pessoas de Lavras Novas acerca do seu passado como um tempo de escravatura, discriminação, ingenuidade e resistência (à discriminação e opressão), sub-desenvolvimento e maneiras não civilizadas implicam em duas expectativas inter-relacionadas: i) que os nativos estão no caminho para superar algumas das características e limitações que estes herdaram do passado, reduzindo os efeitos da discriminação social e racial; ii) que eles serão controlados pelos ‘de fora’, se eles fracassarem em administrar o turismo para o seu próprio benefício. Situada nesse sentido mais amplo, a motivação dos locais para gerar renda do turismo é de importância central e parece ter pesado mais do que o valor que muitos davam à terra, apesar dessa questão de controle e vendas das terras remanescentes ser ainda polêmica.

A questão dos ganhos econômicos e controle dos recursos locais estão relacionadas `as idéias das pessoas sobre qualidade de vida e não podem ser analisadas separadamente de

questões como a qualidade de relacionamento com outras pessoas e o meio-ambiente e considerações locais sobre desenvolvimento e modernidade, raça, status social e religião. Como mostrado, as experiências das pessoas de Lavras Novas acerca da religião, raça e sua posição na hierarquia social eram conectadas às suas expectativas de ‘desenvolvimento’ e ‘modernidade’ e, dessa forma, afetaram suas motivações para o turismo, suas interações, percepções e avaliações desse processo.

O desejo local por modernidade, contrastando com a aparente rejeição de certos traços modernos por turistas e seu desejo de perpetuar o que entendem por “tradição local”, reforçam a idéia de que “turistas” e seus encontros com “nativos” não podem mais ser generalizadamente vistos como interação entre representantes da modernidade e tradição, mesmo que eles performem enquanto tal (MacCannell, 1992; Urry, 1995).

Duas contribuições à literatura devem também ser enfatizadas. A primeira é que os turistas de segunda-residência, normalmente colocados na literatura como “impactantes” (Girard & Gartner, 1993), podem também ser vistos, como ilustra o caso de Lavras Novas, como um dos maiores impactados e vítimas de um processo de desenvolvimento turístico.

Um segundo ponto é que muitos turistas também compartilham de uma visão similar à perspectiva sociológica que vinha predominando na literatura e que tendia a culpar o turismo pelos seus impactos negativos ao nível da comunidade, sem considerar que as pessoas que são objeto desses impactos não são usualmente ou sempre, meras vítimas inocentes desse processo, nem se percebem como tal. A pesquisa revelou que, em Lavras Novas, muitas pessoas percebem certos impactos negativos do turismo sobre suas vidas - como os relacionados a drogas, bagunça e desrespeito à moral local - e conscientemente os aceita como o preço que tinham que pagar para receber turistas bem e se beneficiar deles, para alcançar um situação em que estão interessados. Na mesma linha, a venda de terras locais, normalmente vista na literatura como um impacto estrutural sério do turismo nas comunidades receptoras, aparece em Lavras Novas como o resultado de uma troca entre terra por dinheiro e desenvolvimento, em um sentido econômico e religioso. Os que condenam a venda de terras na comunidade também não culpam os turistas que compram, mas à Igreja e sobretudo a si mesmos e seus representantes na Irmandade, pela falta de maior discussão e controle do processo.

Assim, apesar de um crescente desejo de alguns “nativos” de controlar melhor os problemas percebidos lá, as pessoas de Lavras Novas tenderam a fazer vista grossa para várias situações e ainda receber bem o turismo lá, dado o que isto representava para eles. Desde quando os primeiros turistas chegaram, o turismo foi percebido como uma fonte potencial de

“bem estar” e qualidade de vida em vários aspectos, alguns dos quais pouco enfatizados pela literatura. O turismo significou novas amizades, diferentes formas de ajuda e entretenimento para eles, por exemplo, além de ser visto como uma importante fonte de “desenvolvimento” em termos de geração de renda, empregos, urbanização, atividades religiosas e consumo de bens modernos, trazendo a eles um sentido de maior status social, relacionado às formas de incorporarem a modernidade e o estilo moderno associado aos “brancos”, um crescente senso de auto-estima e valorização da sua identidade social.

Os resultados da pesquisa e estas conclusões vão então contra a tendência da literatura em questão de reduzir as motivações locais para o turismo a simples considerações econômicas em termos de emprego e renda, separando-as de outras dimensões não-econômicas relacionadas da vida social e negligenciando, entre outras coisas, o papel do complexo processo de criação da identidade nessa discussão, as formas como as pessoas conectam passado e futuro em seu presente e as idéias e imagens que eles construíram e desejam construir de si mesmas em suas relações com os outros.

Num plano mais prático, os problemas sócio-ambientais gerados pelo turismo em Lavras Novas geraram até agora uma série de reclamações e esforços desarticulados, por parte das comunidades locais, turistas residenciais e autoridades, de se reorganizar o turismo nessas localidades, em bases mais sustentáveis. Obviamente, essa é uma tarefa que envolve mais dificuldades do que em lugares onde o turismo está sendo planejado de forma sustentável, desde o seu início.

Em relação aos efeitos dos comportamentos mais convencionais “excessivos” e desrespeitosos dos turistas não basta só educação ambiental dos ‘de fora’ ou policiamento, como se viu. É recomendável que as soluções sejam pensadas a partir da compreensão da cultura local, e com a participação de todos. A conscientização dos nativos de que certas medidas restritivas podem vir a ajudar na sustentabilidade do processo, deve fazer parte, mas o poder de torná-las efetivas só se dará com o envolvimento de toda comunidade, a partir de formas locais de lidar com a questão. Cabe, entretanto, considerar o medo do nativo de que isso pode vir a afastar certos segmentos do turismo ‘de bagunça’ que lhe dão sustento. Eventuais medidas restritivas, portanto, tem que vir acopladas a medidas que estimulem o desenvolvimento e investimento local para receber outros tipos de turismo, e para competir no segmento turístico. Pode-se pensar também em formas de se ordenar e regulamentar o uso do espaço e tempo para diferentes segmentos de atividades e públicos estratificados, no contexto de um planejamento urbano e turístico.

Deve-se então salientar que não convém estimular cegamente o desenvolvimento da atividade e de que é recomendável investir seriamente no planejamento participativo de um turismo sustentável de base local, para que se possa minimizar os impactos negativos do turismo, e maximizar os positivos, gerando desenvolvimento não só econômico mas também social das regiões de destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- .BANDUCCI, JR E BARRETO, M.(Orgs) *Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica*. Campinas:Papirus; 2001.
- .BOISSEVAIN, J. *Coping with Tourists: European Reactions to Mass Tourism*. Oxford (UK): Berghahn Books, 1996.
- .COHEN, E. The Sociology of Tourism: Approaches, issues and findings. *Annual Review of Sociology*; vol 10: 373-392, 1984.
- .DOGAN, H. Forms of adjustment. Socio-cultural impacts of tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 16: 216-236, 1989.
- .GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*, R. J. Zahar, 1978, Cap. 1 e 2.
- .GEWERTZ, D. & ERRINGTON, F. *Twisted Stories, Altered Contexts: Representing the Chambri in a World System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- .GIRARD, T. C. & GARTNER, W. C. Second Home Second View: Host community perceptions. *Annals of Tourism Research*. vol 20, n. 4:685-700, 1993.
- .HARALAMBOPOULOS, N. AND PIZAM, A. Perceived impacts of tourism: The case of Samos. *Annals of Tourism Research*, vol. 23, n 3:503-526, 1996.
- .HARRISON, D. (ed) *Tourism and The Less Developed Countries*. London: Belhaven, 1992.
- .KNIGHT, J. Competing Hospitalities in Japanese Tourism. *Annals of Tourism Research*, vol. 23, n. 1: 165-180, 1996.
- .MACCANNELL, D. *Empty Meeting Grounds. The Tourist Papers*. London and New York: Routledge; 1992.
- .SMITH, V. (ed) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. 2nd. Ed. Philadelphia (USA): University of Pennsylvania Press; 1989.
- .SWARBROOKE, J. Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental. 2^a. Ed. S.P.:Aleph, 2000.
- .URRY, J. *The tourist gaze. Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage, 1990.
- .URRY, J. *Consuming Places*. London: Routledge; 1995.
- .VIEIRA FILHO, NELSON A. Q. *Tourism and Social Identity: An anthropological study in Lavras Novas, Ouro Preto, Brazil*. Manchester: The University of Manchester, [Ph.D thesis]; 1999.
- .VIEIRA FILHO, N. "Turismo e turistas na Sociologia e Antropologia do Turismo". Rev. REUNA, vol 7, no. 3 (20), p. 11-26, jul-set, 2002.
- .VIEIRA FILHO, N. "Patrimônio, turismo, sustentabilidade". Rev. REUNA vol 7, no. 4 (21), p.11-24, out-dez, 2002.
- .WALDREN, J. *Insiders and Outsiders: Paradise and Reality in Mallorca*. Oxford (UK): Berghahn Books, 1996.
- .WALL, G. Perspectives on tourism in selected Balinese villages. *Annals of Tourism Research*, vol. 23, n. 1:123-137, 1996.

Notas:

ⁱ Segundo as estatísticas levantadas em 1995, cerca de 50% dos "turistas não-residenciais" eram de Belo Horizonte, 40% tinha curso superior e 95% renda individual maior que 3 salários mínimos, sendo que 30% tinha renda acima de 10 salários mínimos. O perfil dos "turistas de segunda residência" era parecido. A maior diferença em relação aos "turistas não-residenciais" era que entre estes havia uma maior proporção de homens

(65%) e solteiros (70%). Vide Vieira Filho (1999) para maiores detalhes.